

## O CORPO: A ‘GRANDE RAZÃO’ EDUCATIVA – CONTRIBUIÇÃO DE NIETZSCHE À EDUCAÇÃO

Danilo José Scalla Botelho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo intenta debater a subversão que Nietzsche, mediante Zarathustra, dirige à tradicional oposição metafísica entre corpo e espírito, corpo e alma, sensível e inteligível, instinto e razão, no capítulo “Dos desprezadores do corpo” de *Assim Falou Zarathustra*. Um dos mecanismos subversivos é a ressignificação dos vocábulos ‘corpo’ e ‘espírito’, entre outros, a qual não deve ser vista como uma mera inversão, quer valorativa quer semântica, mas precisa ser considerada em toda sua subversão transformante e transtornante da concepção metafísica.

**Palavras-chave:** corpo-espírito; grande razão; Nietzsche.

**Body: the educative ‘Great Reason’ – Nietzsche’s contribution for Education**

**Abstract:** This essay here aims at discussing the subversion that Nietzsche, through Zarathustra, addresses to traditional metaphysical opposition between body and spirit, body and soul, sensible and intelligible, instinct and reason, in the chapter ‘About the despisers of body’ of his *Thus Spoke Zarathustra*. One of his subversive mechanisms consists in reconsidering the words ‘body’ and ‘spirit’, among others, which shall not be viewed as a simple inversion, referring to valuation or semantics, but it needs be considered in its all transformer and disturbing subversion of the metaphysical conception.

**Keywords:** body-spirit; great reason; Nietzsche.

### Corpo do Texto – Texto do Corpo

As perguntas que fundamentam a pesquisa e diálogos subsequentes neste capítulo dissertativo são: o corpo precisa estar necessariamente separado do

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, linha Filosofia da Educação, no PPGE da UFSC; pós-graduado em ‘Retórica e Linguagem’ no PPGL da Unicamp.

E-mail: [daniolojsb@hotmail.com](mailto:daniolojsb@hotmail.com)

Endereço: Av. Sallum, 1032. Vila Prado, São Carlos-SP. CEP 13574-040.

espírito e da alma? Corpo e mente estão necessariamente separados? O corpo não tem qualquer razão, só a mente tem razão? Em *Assim Falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 2011), em especial na parte I, capítulo “Dos desprezadores do corpo”, Nietzsche altera e desvia drasticamente noções assimiladas e naturalizadas pelos homens desde a Grécia Clássica, passando pelo surgimento, ascensão e declínio gradual do Cristianismo no ocidente – talvez ainda até hoje – acerca de corpo e espírito: primeiro como antagônicos e separados; segundo como hierarquicamente considerados a partir de um viés moral-religioso; terceiro como aptos a propósitos e funções diferentes. Essa concepção ocidental hegemônica por séculos – quiçá até nossa contemporaneidade, não obstante estar abalada –, visada e atacada pelo filósofo alemão, tem sua formação nas obras de Platão (V a IV a.C.) – que chegaram até nós intactas, diferentemente da produção dos sofistas e pré-socráticos, por exemplo –, bem como nos ideais cristãos após sua propagação por Paulo de Tarso. Mergulharemos nesse *corpus* principal, o capítulo em questão, em busca de dissoluções – ou ao menos alterações – aporéticas, a partir de intertextualidades com passagens do próprio Nietzsche e de outros autores, iniciando por um trecho do poeta português Fernando Pessoa:

*Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.*

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

*Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz.*

(PESSOA, 2006, p.38)

Fernando Pessoa, que escreveu esse poema em 1914, desmembrou-se ou multiplicou-se em heterônimos, entre eles Alberto Caeiro (que ‘nasce’ nesse mesmo ano), ‘compositor’ e eu-lírico da série “O Guardador de Rebanhos” (à qual esse poema pertence), além de ‘mestre’ de todos os ‘outros eus’ do poeta. O tema acima desloca a noção corrente de ‘pensamento’ como fruto da mente, da razão, da lógica.

Os pensamentos, para Caeiro, o qual é uma das faces – ou, se quiser, das perspectivas – de Fernando Pessoa, são ‘todos sensações’. Não é só a mente que pensa, ou melhor, a mente neste caso nem pensa – quem pensa é o corpo: olhos, ouvidos, mãos, pés, nariz e boca, todos metonímias dos sentidos, respectivamente: visão, audição, tato, tato (ênfatisado), olfato e paladar. O corpo e suas partes, instrumentalizado nos sentidos, é o ‘fio condutor’ (MARQUES, 2003) por meio do qual se pensa. A última estrofe, de uma singela beleza, mostra a apreensão da – ou de uma? – ‘verdade’ quando se deixa o corpo sentir, e se sente, sente-se a terra, sente-o. Fechando os olhos, o contato com a erva, com a terra e com o próprio corpo se intensifica: o tato aflora, abrindo um canal para a felicidade e a verdade.

De forma similar, a despeito das diferenças de estilo e metodologia, o 4º capítulo da 1ª parte (originalmente 1º volume) da obra *Assim Falou Zaratustra* – publicada em 1883 (1º e 2º volumes), após Nietzsche ser abandonado depois de ter vivido (como espírito livre?) uma ‘amizade a três’ com Paul Rée e Lou Salomé, morando juntos em algumas cidades europeias – é intitulado “Dos desprezadores do corpo”. Em 1884 e 1885 viria a publicação dos outros volumes (3º e 4º). O 1º parágrafo já traz uma provocação de Zaratustra, eu-lírico da história, ao afirmar que aqueles que desprezam o corpo deveriam “*dizer adeus a seu próprio corpo – e, assim, emudecer*” (NIETZSCHE, 2011, p. 34).

Embora haja aí uma revalorização da importância corporal, e até possa se falar em uma ‘prioridade’ do corpo, não seria prudente, entretanto, compreender-se desse modo simplesmente uma inversão em relação à valorização da alma. O corpo não é mais importante que seu oposto, a alma, para Nietzsche? O filósofo não inverte, como Alberto Caeiro, a preponderância da metafísica tradicional, para a qual a alma preponderava sobre o corpo?

A resposta a essas questões iniciais aparece nos próximos parágrafos, em que Zaratustra se lembra da fala das crianças, – e a criança é metáfora da última das três transformações do espírito, após ser camelo e leão: “*Corpo sou eu e alma*” (NIETZSCHE, 2011, p. 34).

Como também da fala daquele que está ‘desperto e sábio’: “*Corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo*” (NIETZSCHE, 2011, p. 34-35).

Não há meramente uma inversão da preponderância entre corpo e alma, em que o corpo passaria a predominar sobre seu antagônico, aliás não seria demais dizer que não há efetivamente essa inversão, mesmo havendo um enfrentamento. Existe, isso sim, uma ‘re-significação’ – ou, se quiser, uma “subversão” – do vocábulo ‘corpo’ (quer como *Körper* ou como *Leib*): se na metafísica tradicional platônico-cristã ele era oposto – e de menor importância – à ‘alma’, agora ele passa a contê-la. O conceito de ‘corpo’ se desloca de contrastivo – e inferior – em relação à alma, para hiperônimo desta. Não somente desta, pois Zaratustra continua: “*Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de ‘espírito’, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão*” (NIEZTSCHÉ, 2011, p. 35).

Aparece aqui também como hipônimo do corpo a razão, outrora idealizada e endeusada no mundo platônico das ideias, agora tratada como “pequena razão”, subordinada à “grande razão”, que é a corporal. Provavelmente ela é pequena, inferior na escala hierárquica, pois, ainda que estabeleça relações com o mundo, nada sabe de suas condições de produção. O espírito, ele também outrora idealizado e endeusado, especialmente na concepção metafísica platônico-cristã, agora é igualado à pequena razão, como mero instrumento e brinquedo da grande razão, o corpo. Seria inviável qualquer tentativa de interpretação que atentasse tão somente para a troca na hierarquia de valores entre corpo, razão e espírito, sem se ater para o fato de haver um deslocamento semântico *dos* e *nos* termos. ‘Corpo’ passa agora a ser ‘racional’, a ter alguma ‘razão’; não só isso, mas passa a ser a principal razão, a razão maior, a grande razão, que instrumentaliza as outras a seu bel prazer. ‘Razão’ passa agora a não ter mais tanta razão, a ser pequena, inferior, mero utensílio e brinquedo. ‘Espírito’ passa a não ser mais de – ou a não ter mais contato com – um além-mundo, um sobremundo; desce à carne, é incorporado, está no corpo; perde sua característica metafísica de maior, superior, o que contém; para se tornar o menor, inferior, que está contido.

Tanto *Seele* como *Geist* são, para Zaratustra, *nur ein Wort für Etwas am Leibe*, ou seja, tanto a alma quanto o espírito são somente uma palavra, um termo, um vocábulo para algo relacionado ao corpo (NIETZSCHE, 1988 [KSA], p. 4.39). Nietzsche, desiludido com a *décadence* moderna, que ainda não dava – e hoje dá?

– o devido e merecido valor ao corpo e à terra, o que se refletia nas universidades alemãs em uma atmosfera erudita monótona – repleta de “pequenas razões” –, despreziosa e morna, desabafa:

De nada mais sofre a nossa cultura a não ser do excesso de preguiçosos arrogantes e humanidades fragmentadas; nossas universidades são, a contragosto, autênticas estufas para essa forma de atrofia dos instintos do espírito,

de modo que “(...) naturezas com interesses mais plenos, ricos e profundos já não encontram mais educação e educadores adequados” (NIETZSCHE, 1988 [KSA], p. 6.105).

Apenas um apêndice: quanto ao tópico do excesso de fragmentação nas humanidades comentado acima, tratarei um pouco a frente. Se o espírito só pode ser entendido, em Nietzsche, enquanto parte do corpo, a expressão “instintos do espírito” vai ao encontro dessa concepção, ao atribuir ao ‘espírito’ a capacidade de acomodar ‘instintos’, os quais, independentes da razão (pequena!) ou de considerações morais, levam um indivíduo a agir – *irracionalmente*. O espírito, nesse contexto, tem um significado indissociável da corporeidade: só se entende um por sua relação e interligação com o outro. Nitidamente se aproximam aqui dois vocábulos que, em uma visão tangencial e maniqueísta, seriam excludentes ou, no mínimo, antagônicos: instinto e espírito. O que era impossível – e paradoxal – na concepção “ultrapassada”, agora acontece: “do espírito” passa a ser uma locução adjetiva – que equivale a um adjetivo: espiritual – de ‘instinto’. O instinto é espiritual, melhor dizendo, faz parte do espírito, já que este só pode ser concebido a partir do corpo. O que falta na modernidade, para Nietzsche, são homens, educadores com instintos espirituais; em resumo, faltam pessoas que ajam como Alberto Caeiro; faltam Albertos Caeiros – sabendo-se que esse heterônimo vem depois, cronologicamente, do filósofo alemão. Entretanto, é legítimo afirmar, então, que os sentidos são a fonte maior do conhecimento? Zaratustra responde:

*‘Eu’, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu.*

*O que o sentido sente, o que o espírito conhece, jamais tem fim em si mesmo. Mas sentido e espírito querem te convencer de que são o fim de todas as coisas: tão vaidosos são eles.*

*Instrumentos e brinquedos são sentidos e espírito: por trás deles está o Si-mesmo. O Si-mesmo também procura com os olhos do sentido, também escuta com os ouvidos do espírito. (NIETZSCHE, 2011, p.35)*

Aqui mais uma vez ocorre um deslocamento semântico, agora entre a noção de subjetividade e objetividade. Tanto o saber sensitivo quanto o saber espiritual e/ou mental tentam nos convencer de que são objetivos, imparciais, isentos, gerais, universais, finalidade, fim neutro de uma inquirição. Eles, de “tão orgulhosos que são”, procuram nos iludir a respeito de sua condição de aparição: o corpo; ou ainda melhor, um corpo, o qual demonstra seu caráter contingencial, particular, específico, tendencioso, parcial, emocional, passional. Resumindo: perspectivo. Ou ainda, subjetivo! Os sentidos, assim, até podem ser uma boa fonte de cognição, desde que incorporados: partem de um corpo em uma determinada situação, em dadas condições, nunca se esquecendo de que são perspectivos, factuais, afetivos. Caso abandonadas essas ilusões de ‘conhecimento universal’ válido para todos e para qualquer circunstância, típico da moral, ou das morais; como também a ilusão do ‘distanciamento’ possível do objeto de análise, e que quanto maior esse distanciamento, melhor; só assim será viável considerar essas percepções sensitivas – ou ainda até mesmo as percepções espirituais ou racionais – como instrutivas.

*Somente existe um ver perspectivo, só um ‘conhecer’ perspectivo; e quanto maior for o número de afetos que mencionamos ao falar de uma coisa, quanto maior for o número de olhos, olhos diferentes, com que a observamos, mais completo será o nosso ‘conceito’ dessa coisa, a nossa ‘objetividade’ (NIETZSCHE, 2004, p.109).*

O deslocamento, em relação ao que é efetivamente “objetivo”, acontece a partir de uma alteração radical: de distanciamento, da ausência de afetos, da impessoalidade, da imparcialidade; para o extremo oposto: o excesso de afetos, o maior número possível de perspectivas particulares, olhares, emoções, paixões, pontos-de-vista, personalidades, aproximações, afeições – de não-subjetivo, ‘objetivo’ passa a ser o extremamente subjetivo, os subjetivos se complementando, não se anulando nem se distanciando de um ‘ideal imparcial’. Ou seja, só se torna efetivo caso se assuma afetivo. Se o objetivo passa a ser o subjetivo potencializado, quali e quantitativamente, então quem é o “ser”? E o “eu”? Eles são o mesmo? Zaratustra ensina:

*O Si-mesmo sempre escuta e procura: combate, submete, conquista, destrói. (...)*

*Teu Si-mesmo ri de teu Eu e de seus saltos orgulhosos. ‘Que são para mim esses saltos e voos do pensamento?’, diz para si. ‘Um rodeio até minha meta. Eu sou a andadeira do Eu e o soprador dos seus conceitos.’*

(NIETZSCHE, 2011, p. 35)

O esquematismo da racionalidade, segundo Zaratustra, ainda que útil e produtor em algumas circunstâncias, por meio da própria criação da noção de sujeito – “Eu” –, é guiado pelo corpo, pelos interesses e necessidades corporais, não sendo de forma alguma autônoma, mesmo que lute para convencer – e muitas vezes consegue – o ‘próprio ser’ (existe?) de que é. “Um meandro para o meu fim” descreve bem as curvas sinuosas feitas pelos pensamentos, mas tendo em vista os propósitos ligados à corporeidade, conquanto não explícitos em certas situações. Se há algo de essencial no ser humano, no sentido de inerente, básico, fundamental e necessário, esse algo só pode ser sua dinâmica corporal. Se há “ser”, ele é o corpo. Ademais, tudo é derivado, inclusive os sentidos, os pensamentos, o espírito, a razão, o eu e outros devaneios. Quem se nega a reconhecer isso? Afinal, quem são os desprezadores do corpo? Para quem o corpo é inferior ao espírito e à razão? Adorno e Horkheimer começam o texto “Interesse pelo Corpo”, presente na “Dialética do Esclarecimento”, da seguinte forma:

*Sob a história conhecida da Europa corre, subterrânea, uma outra história. Ela consiste no destino dos instintos e paixões humanas recalçados e desfigurados pela civilização. (...) Essa espécie de mutilação afeta sobretudo a relação com o corpo (Körper). (...) O cristianismo louvou o trabalho, mas em compensação humilhou ainda mais a carne como fonte de todo mal. (...) A libertação do indivíduo europeu realizou-se em ligação com uma transformação geral da cultura, que aprofundava cada vez mais a divisão (superiores e inferiores), à medida que diminuía a coerção física exercida de fora. O corpo explorado devia representar para os inferiores o que é mau, e o espírito, para o qual os outros tinham o ócio necessário, devia representar o sumo bem.*

(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 215 e 216)

A divisão dominantes e dominados, segundo Adorno e Horkheimer, está diretamente relacionada com a divisão espírito e corpo. Quando a primeira se acentua, como no caso da “modernização”, a meta dos dominantes é aprofundar a

separação da segunda, para que a coerção parta de dentro, não mais de fora. O papel desempenhado pela “cultura”, a partir de sua transformação na modernidade, mediante suas implicações com os conceitos de “espírito”, “espírito livre” e “formação”, será investigado em outro capítulo desta dissertação. Longe da intenção de fechar um sentido único e uma resposta exata às perguntas formuladas, o que seria totalmente contraditório com o estilo e a ‘perspectividade’ de Nietzsche, o trecho acima, à semelhança da ‘visão histórica’ de Foucault, é um bom ponto de partida para a reflexão sobre genealogias, condições de produção e mecanismos de controle. Não sendo o propósito aprofundar-se nesses conceitos e suas implicações, cumpre assinalar a proporção direta que Adorno e Horkheimer estabelecem entre a civilização e o recalçamento das paixões e instintos humanos. Se por um lado pode-se considerar que tanto a metafísica platônica quanto o cristianismo depreciaram o corpo, por tratarem de uma instância superior e transcendente ao mundo sensível; por outro lado a ‘modernidade’ ou ‘modernização’, com todo seu processo ‘civilizatório’, não deixou de controlar e escravizar o corpo, ainda que por outros meios ou pela acentuação interna de mesmos processos – um deles a divisão corpo/espírito.

Nietzsche também reconhece e denuncia essa exploração e abjuração corporais. Já são conhecidos os vitupérios nietzschianos à corrente filosófica socrática, da qual Platão seria o fiel representante, bem como ao cristianismo – tanto que uma de suas últimas produções para edição, antes do ‘colapso’ e da ‘paralisia progressiva’ diagnosticada (Por quem – pela Medicina?), intitula-se “O Anticristo” (1888) –, que não passaria de um ‘platonismo para o povo’. À medida que se aprofunda uma crítica à metafísica em Nietzsche, negando qualquer instância além-mundo, sobrenatural, divina ou ideal, que fuja da terra e do corpo, agudiza-se concomitantemente não só uma contestação da moral e da religião, mas também do racionalismo. Alguns – se não os principais – dos que renunciariam ao corpo, valorizando mais a razão e o espírito, ambos ‘falsificações’ da corporeidade, seriam os moralistas, os religiosos e os racionalistas; em suma, os dogmáticos. No capítulo anterior ao “Dos desprezadores do corpo”, Zarathustra reflete sobre os “Crentes em além-mundos”: *“Bem demais conheço tais semelhantes a Deus: eles querem que se creia neles e que a dúvida seja pecado”* (NIETZSCHE, 2011, p. 34).

Se na cultura moderna a representação do espírito como supremo bem, além de permanecer, exerceu uma espécie de coerção interna; o corpo, segundo Adorno e Horkheimer, foi impregnado de amor-ódio, se vendo

*de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, ao mesmo tempo desejado como o proibido, reificado, alienado; foi só nela (na cultura) que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, 'corpus'. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.217)*

Apesar da distância de mais de 50 anos entre as publicações, já que a *Dialética do Esclarecimento* é de 1947, tanto os “frankfurtianos” quanto Nietzsche são ferozes críticos da “modernidade” e a investigam mediante a relação do corpo com o espírito, ainda que não só. A cultura, além de separá-lo do espírito, alienou-o e o transformou em coisa, mercadoria. Em outro capítulo aprofundar-se-á essa relação de cultura e formação (*Bildung*) com o espírito. Todavia, enquanto Adorno e Horkheimer frisam a impossibilidade de se reconverter o corpo físico (*Körper*) no corpo vivo (*Leib*) – como veremos adiante –; Nietzsche, embora admita a dificuldade dessa reconversão, frisa a capacidade dos “espíritos livres”, do “além-do-homem”, dos “indivíduos soberanos” de se superarem a si mesmos, vivendo pelo corpo e pela terra, ou seja, tornando-se corpos vivos. Os espíritos livres – entre eles Zaratustra, mesmo que “fictício” – são os arautos súbitos e repentinos que, como um raio, destroem as velhas tábuas, abrem as portas e energizam o caminho para esse ser póstumo, que ainda não existe, que está por vir: o além-do-homem, o indivíduo soberano. Isso será melhor explorado um pouco adiante. Retornemos ao corpo:

*Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele.*

*Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria?*

(NIETZSCHE, 2011, p. 35)

Ressurge nitidamente nessa ocasião um conhecimento mediante o que é corporal, quer seja, o corpo como fio condutor de uma sabedoria, de uma razão muito maior do que a maior razão racional que já se teve. No corpo – com séries de embates entre impulsos, instintos e necessidades – estariam mais e melhores gnosés do que na lógica e na consciência.

Pelo fio condutor do corpo. – *Admitindo que a ‘alma’ era um pensamento atrativo e pleno de segredos, dos quais os filósofos justificadamente apenas com relutância se separaram – talvez seja isso que doravante eles aprendem a trocar, contra outra coisa ainda mais atrativa e cheia de segredos. O corpo humano no qual ela revive reanima todo o passado mais remoto e mais próximo de qualquer ser orgânico; parece fluir por ele, dele e para fora dele uma corrente enorme e inaudível: o corpo é um pensamento mais espantoso do que a velha ‘alma’.* (NIETZSCHE, 1988 [KSA], P. 11.565)

Se a alma seduziu com seus segredos infindáveis por milênios dezenas de filósofos, que demoraram e ainda demoram para, com resistência, dela se desligar, já é hora de os “novos filósofos” se debruçarem sobre o corpo – ou a(s) alma(s) do corpo, se é que há alguma alma –, do qual fluem mistérios mais profundos, atraentes, estranhos e extraordinários que os da alma. Caso haja qualquer alma, ela(s) surge(m) do corpo. Ela é o corpo. O espírito do corpo é ainda mais desconhecido do que o espírito, no qual se acreditou por muito tempo – ilusão ou mentira? –, e que estaria fora do corpo, acima dele. Após da criação e da sujeição do sujeito, está quem? O comandante do ser, que é o próprio ser: o corpo.

*O Si-mesmo diz para o Eu: ‘Sente dor aqui!’ E esse sofre e reflete em como não mais sofrer – e justamente para isso deve pensar.*

*O Si-mesmo diz para o Eu: ‘Sente prazer aqui!’ E esse se alegra e reflete em como se alegrar mais – e justamente para isso deve pensar.*

(NIETZSCHE, 2011, p. 35)

Esse trecho parece uma resposta àquele supracitado – “*E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria?*” (NIETZSCHE, 2011, p. 35) – à medida que pensamentos surgem dos sofrimentos e dores infligidos pelo corpo ao eu, bem como da vontade de permanecer em estado de alegria quando o eu o experimenta. No final do capítulo em pauta, Zarathustra reitera a dependência do espírito em relação ao corpo – “*O corpo criador criou para si o espírito, como uma mão de sua vontade.*” (NIETZSCHE, 2011, p.36) – para, a seguir, fechar o ciclo da provocação feita inicialmente, a de que os desprezadores deveriam ficar mudos, não usando mais o corpo. Se o ser é o corpo, quem despreza o corpo despreza o próprio ser, ou seja, deprecia a vida mesma, assemelha-se a um pregador da morte. Quem não pode criar algo superior a si deseja desaparecer, então se rebela contra a terra e, especialmente, contra a vida, materializada na dinâmica corporal. Finaliza da

seguinte forma: “*Não seguirei vosso caminho, desprezadores do corpo! Não sois, para mim, pontes para o além-do-homem!* –” (NIETZSCHE, 2011, p.36)

Vê-se acima uma das tipologias exemplares de Nietzsche, o “além-do-homem” (*Übermensch*). O termo *über* significa sobre, por sobre, para além, por isso não se adota aqui a tradução “super-homem”, a qual aparece algumas vezes, mas que pode ser interpretada como uma hiperpotencialização das características humanas, quando o próprio Nietzsche, no prólogo do *Assim Falou Zaratustra*, parágrafo 4 (NIETZSCHE, 2011, P. 16-17), fornece indícios de como se ler o termo: “travessia, passar, atravessar”. Trata-se mais de uma superação do homem como ele era e é, um ir além disso, um passar sobre, do que propriamente um fortalecimento ou intensificação desse ser humano. A etimologia de humano, do latim *humanus*, tem sua raiz em *humus* (terra), significando nascido ou brotado da terra. No mesmo parágrafo 4, Zaratustra afirma:

*Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do além-do-homem.* (NIETZSCHE, 2011, p. 16)

Outras tipologias de seres exemplares presentes nas obras de Nietzsche seriam os “homens superiores”, os “espíritos livres” e os “indivíduos soberanos”. Não almejo diferenciá-las a partir de conceitos prévios, muito menos perscrutar neste objeto de estudo suas diferenciações e particularidades, tarefa que seria extenuante dada a capacidade inesgotável do autor de jogar e brincar com as polissemias dos termos, ainda mais com suas metáforas. Buscar-se-á, em especial nos trabalhos subsequentes, um diálogo entre elas acerca de suas inter-relações – é assim que elas aparecem em muitos trechos, inclusive em outros capítulos do *Assim Falou Zaratustra*: juntas, entrecruzadas, misturadas, relacionadas, referidas –, para que nesse arcabouço relacional possam se constituir *a partir do* e *em* conjunto. Atenção particular e exclusiva é dada à tipologia “espíritos livres”, um dos objetos centrais deste artigo, dada a relação de hiponímia do espírito frente ao corpo – seu hiperônimo – presente em “*Dos desprezadores do corpo*”.

Entre tantas metáforas relacionadas à natureza e ao corpo - caverna, aurora, crepúsculo, águia, mar, serpente, camelo, leão, doente, remédio, sadio, andar, membros,... –, uma merece no mínimo um breve comentário – aliás prometido acima –, por estar diretamente relacionada ao modo de lidar com o corpo – e não seria o

corpo parte da natureza, proveniente da mesma “terra” à qual o além-do-homem se sacrifica? Essa metáfora é a da “fragmentação”. Adorno e Horkheimer, no texto supracitado, também se referem à forte presença dela na “modernidade”, inclusive na ciência médica:

*Lidam com o corpo, manejam seus membros como se estes já estivessem separados. (...) É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, (...) Eles estão interessados na doença, à mesa já estão à espreita da morte do comensal, e seu interesse por tudo isso é só muito superficialmente racionalizado como interesse pela saúde.*

(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.219)

Explícita e implicitamente emergem desses comentários contestações severas à ‘tecnicização’ e ‘mercadorização’ excessiva do ‘progresso civilizatório’ dos séculos XIX e XX, no qual nada escapa de ser dividido, ‘especializado’, além de, claro, transformado em mercadoria. O corpo muito menos. A vida tampouco. Apesar de no capítulo em questão, “Dos desprezadores do corpo”, não aparecerem referências diretas à metáfora, na segunda parte da obra, no capítulo “Da Redenção”, ao ser questionado por um corcunda por que não curava os deficientes, Zaratustra responde, entre outras coisas:

*Desde que estou entre os homens, isto me parece o mínimo do que vejo: ‘A este falta um olho, àquele uma orelha e a um terceiro a perna, e há outros que perderam a língua, o nariz ou a cabeça’.*

*Vi e vejo coisas piores, e várias tão abomináveis que não desejo falar de todas, mas tampouco me silenciar sobre algumas: homens aos quais falta tudo, exceto uma coisa que têm demais – homens que não são mais que um grande olho, ou uma grande boca, ou uma grande barriga, ou algo mais de grande –, aleijado às avessas, eu os chamo.*

(NIETZSCHE, 2011, p. 131)

Zaratustra, além de profético, muitas vezes é irônico, e tantas ambíguo, para não dizer polissêmico. Suas falas diversas vezes prenunciam, em outras satirizam, em muitas abrem possibilidades múltiplas de interpretação. Conceitos fixos, quadrados, exatos, precisos, cambaleiam e desmoronam nessa contingência. A especialização e a divisão do homem moderno ganham aqui seu absurdo extremo, ao estilo de Zenão de Eleia, pré-socrático que, como método de contra-

argumentação, conduzia os argumentos de seu opositor a suas implicações radicais, tornando-os ridículos, além de impertinentes. Alega que se os curar, estará fazendo mais mal do que bem. O cego, por exemplo, passaria a ver todos os horrores que permeiam o populacho e maldiria, amaldiçoaria quem o curou. Se Jesus curava os enfermos para demonstrar que veio em nome de deus, Zaratustra, para quem deus morreu, profeta que vem anunciar que o homem pode superar a si mesmo, que onde há desejo de criar há inocência, não quer ser um salvador, não quer curá-los; quer mostrar que não precisam de ídolos, que cada um pode e deve superar a si mesmo nas criações, em nome da terra. É como se ele dissesse: “Não esperem que eu os cure, aprendam o poder que existe em vocês – em cada homem, desde que supere o ser humano atual – e curem a si próprios.”

Perder um olho ou uma perna até pode estar somente no sentido denotativo, mas é pouco provável que o mesmo aconteça com perder a cabeça, a língua ou o nariz, possíveis de serem entendidos em sentido conotativo, figurado. Quantas pessoas não “perderam a cabeça” – em ambos os sentidos: de morrer e de ficar louco –, sem perceber, seguindo à risca os preceitos morais modernos? Quantas pessoas não ficaram mudas ou foram caladas à força? Quantas não atrofiaram o olfato, um dos sentidos – se não o – mais primitivo(s)? Quantos não podem ter perdido a cabeça por excesso de razões – de pequenas razões? Quantos não ficaram quietos por excesso de falatório vazio ao redor? Quantos não protegeram o olfato por excesso de mau odor nas cidades? Ademais, há uma última inversão em que se considera mais grave ainda quem perdeu tudo do homem, mantendo apenas uma coisa em excesso: a metonímia (bem como o sarcasmo) nessa passagem não deve ser ignorada, afinal ser uma grande boca provavelmente se refere a falar – ou comer – em demasia, e só falar, falar, falar – ou comer, comer, comer –, esquecendo-se de todo o resto, como se nada mais existisse. A fragmentação recebe aqui uma depreciação tão cáustica que, no ser humano, refletiu-se em um ser que é completamente parcial, quer dizer, nem um ser é – afinal nem um corpo inteiro tem –, é no máximo uma fração, um grande órgão, uma seção. Se nem corpo esse ‘ser’ – caso seja um ser – tem, com que direito ele fala de alma e espírito? Zaratustra continua:

*‘Em verdade, meus amigos, eu caminho entre os homens como entre fragmentos e membros de homens!’*

*Isso é o mais terrível para os meus olhos, encontrar o homem destroçado e disperso como sobre um campo de batalha e matadouro.*

*E, quando o meu olhar escapa do agora para o outrora, sempre depara com o mesmo: fragmentos e membros, e apavorantes acasos – mas não homens!*

*O agora e o outrora sobre a terra – ah, meus amigos! –, eis para mim o mais insuportável; e eu não saberia viver, se não fosse também um vidente daquilo que tem de vir.*

*Um vidente, um querente, um criador, um futuro ele próprio e uma ponte para o futuro – e, ah, também como que um aleijado nessa ponte: tudo isso é Zaratustra.*

(NIETZSCHE, 2011, p. 132)

Novamente o tom profético analisa de forma radical, extremada a *décadence* em que a humanidade se encontra – e se encontrou: não há mais seres inteiros, íntegros, com integridade, completos; o que há são pedaços, fragmentos, restos, partes isoladas, soltas, desconexas, largadas, mutiladas. A comparação com a guerra é bem propícia, afinal a humanidade não é movida à guerra? As guerras não se acentuaram no século XX com a tecnologia bélica? Entretanto, diferentemente de Adorno e Horkheimer, para os quais

*Não se pode mais reconverter o corpo físico (Körper) no corpo vivo (Leib). Ele permanece um cadáver, por mais exercitado que seja. A transformação em algo de morto, que se anuncia em seu nome, foi uma parte desse processo perene que transformava a natureza em matéria e material. (...) A medicina torna produtiva a reação psíquica à corporificação do homem; a técnica, a reação à reificação da natureza inteira.*

(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.218)

Nietzsche, por meio de Zaratustra, um espírito livre, vaticina que os espíritos livres, que simultaneamente são adivinhos e clarividentes, espontâneos e autônomos, geradores e fundadores, um destino e uma vereda para o futuro, abrirão caminho, mediante a destruição das velhas tábuas, caducos valores e morais, para o “além-do-homem”, o “indivíduo soberano”, para o qual

*O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e se tornou instinto, instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo*

*que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência. (NIETZSCHE, 2004, p. 50)*

Consoante o poema inicial, da mesma forma que o sentido de um fruto está em comê-lo, experienciá-lo, não em ‘pensar’ – com a pequena razão – a seu respeito; e o conhecimento da verdade e da felicidade para Alberto Caeiro – e não para todos, como se houvesse uma só verdade – está em deitar na terra e senti-la, não em nomeá-la, descrevê-la, caracterizá-la; assim também o conhecimento do ‘espírito livre’ de Nietzsche está naquele que se desfez da ilusória separação corpo x mente, corpo x espírito, instinto x razão; naquele que reconheceu em seu corpo a sua maior razão de ser; em seu instinto – especialmente o dominante – seu maior poder sobre si e seu destino; em sua responsabilidade, etimologicamente a ‘capacidade de responder por todos os seus atos’, um privilégio, uma liberdade excepcional; em seu espírito, sua vontade de poder, oriunda do corpo. Em resumo, ele re-conheceu seu corpo. E através dele, sua vontade de viver. E nele, sua maior razão! O corpo: a ‘com-ciência’! Onde estão a mente, a alma e o espírito? Pergunte ao corpo... Ele tem razão!

## Referências

- ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. “Interesse pelo Corpo” in: ***Dialética do Esclarecimento***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. “Notas sobre o tema da auto-supressão da moral”. In: ***Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral***. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1997.
- MARQUES, Antonio. ***A Filosofia Perspectivista de Nietzsche***. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. ***Obras Incompletas***. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. ***Kritische Studienausgabe (KSA)***. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari: München/Berlin: dtv/de Gruyter, 1988.
- \_\_\_\_\_. ***Genealogia da Moral: uma polêmica***. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. ***O Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo***. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. ***Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém***. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PESSOA, Fernando. ***Poemas Completos de Alberto Caeiro***. São Paulo: Martins Claret, 2006.